

Ex.^{mo} S^{nr}. Francisco Jse Iat, grande capitalista chinês e protector dos christãos na cidade de Macau, d'onde é natural

(Phot. Po Chun—Hungkong.)

PROPRIETARIO

Joaquim Antonio Pereira Villela

DIRECTOR

Dr. Francisco de Souza Gomes Velloso.

ADMINISTRADOR E EDITOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de inormação graphica

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias — Um anno 2\$400

Semestre 1\$200. Trimestre 600, **rs.**

Na cobrança feita pelo correio ou pelo entregador accresce o importe das despesas

Extrangeiro—Um anno, 3\$000.

Numero avulso, 60 reis

AS EGREJAS
 fornecem-se da
casa Monteiro Borges
 (Ruas do Sol e Batalha-Porto)
 por ser a mais completa no seu genero

O que ha de mais belo
 em **IMAGENS**
 de mais importante
 em **PARAMENTOS**
 e de mais fino em
ALFAIAS



ESCULTURA
 RELIGIOSA
 EM
 MADEIRA



**Titulo da Casa Monteiro
 Borges
 Ornamentos d'Egreja**

**Titulo da Casa Monteiro
 Borges
 Escultura Religiosa em
 madeira**

IMAGENS — PARAMENTOS — ALFAIAS

Monteiro Borges — PORTO

Quem imita esta casa reconhece-lhe a superioridade

A im- prensa

Ornamentos d'Egreja

Visitamos hontem a antiga e acreditada casa do sr. Monteiro Borges, a mais bem sortida e completa em todo o gsnero de ornamentos de egreja em Portugal. N'esse estabelecimento podemos de facto exanimar uma admiravel exposiçao de paramentos e artigos religiosos que merece ser visitada. No amplo estabelecimento, situado á esquina das ruas do Sol e da Batalha, não só se encontra um importante sortido de ornamentos de egreja, do qual se distingue umas ricas sanefas para andor andor feitas de lhama de prata, com bordados a ouro, trabalho primoroso, bellamente executado e que faz honra á industria nacional, mas tambem uma colleçao variadissima de obras em bron'e e metal, via-sacras, medalhas, terços, etc.

A casa do sr. Monteiro Borges de ha annos que vem assignalando a sua existencia, imprimindo um accentuado progresso á industria portugueza dos paramentos de egreja, salientando-se todos os seus trabalhos, incluindo o fabrico de corôas e flores artificiaes, pelo esmero e perfeiçao com que são confeccionadas.

Esta exposiçao é digna de ver-se porque offerece ao visitante ensejo de apreciar muitas e diversas obras e artigos religiosos notaveis e de grande valia.

De «O Commercio do Porto».





ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica



Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela. Director, Dr. F. de Souza Gomes Velloso

EDITOR E ADMINISTRADOR

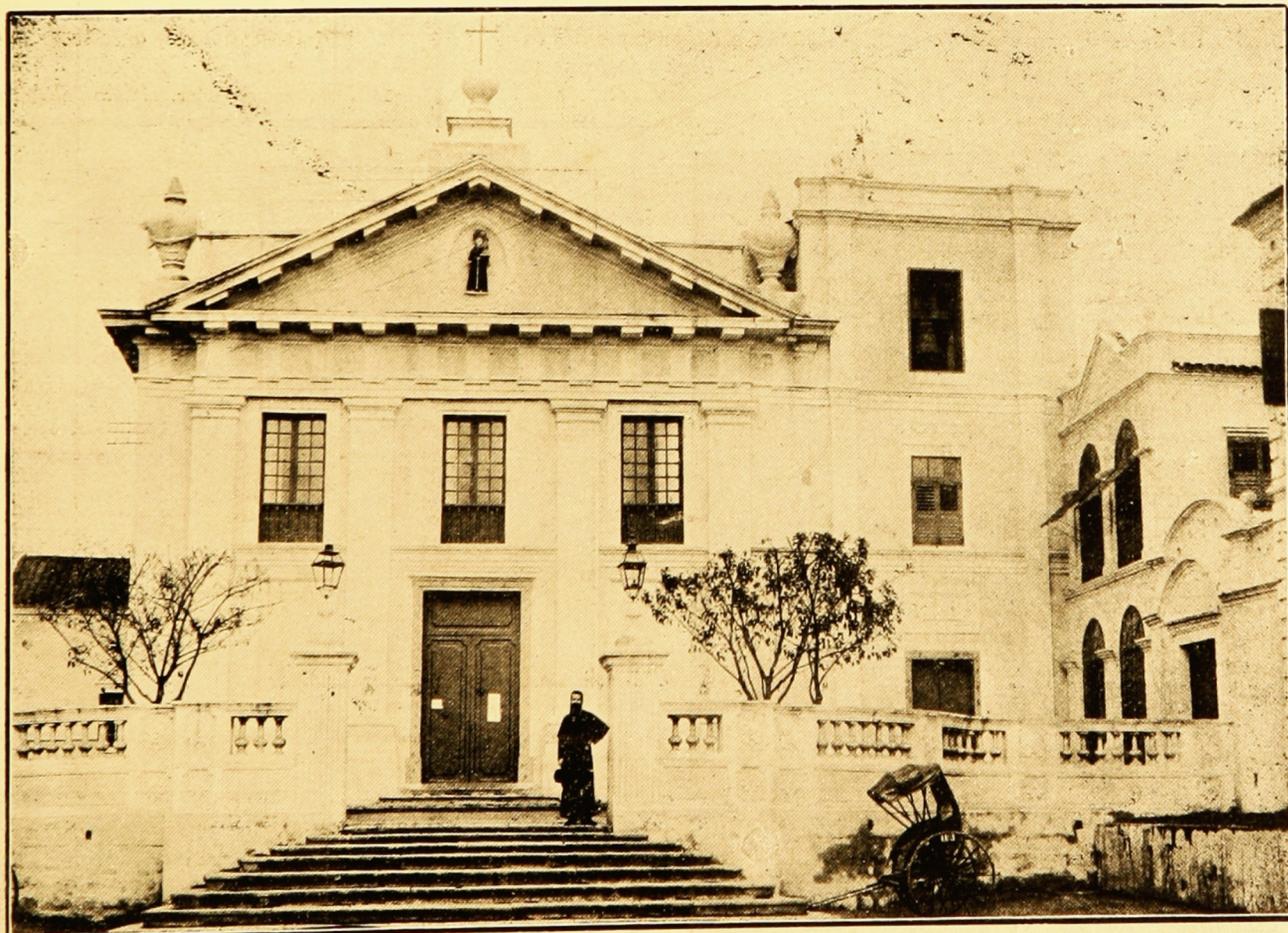
Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 10 de Março de 1917

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA
83, R. dos Martyres da Republica, 91
Não se restituem os originaes

Numero 193—Anno IV

MACAU



A egreja parochial de Santo Antonio

FACTOS

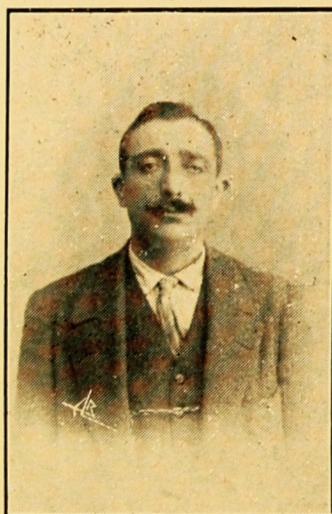


LISBOA—O embarque dos officiaes, sargentos e cabos para bordo do «Moçambique» com destino a Africa onde vão dar instrucção ás tropas indigenas

(Publicação auctorizada pelo snr. ministro da guerra).



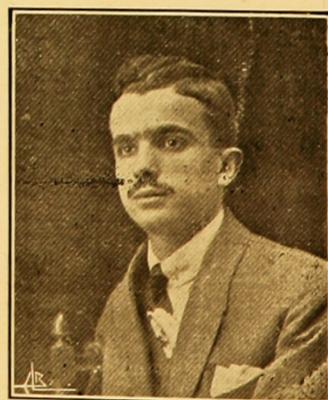
O Snr. Dr. Costa Pinheiro, natural da freguezia de Jesufrej, Famalicão, auctor do interessante livro "Das Marcas no Direito Commercial Portuguez."

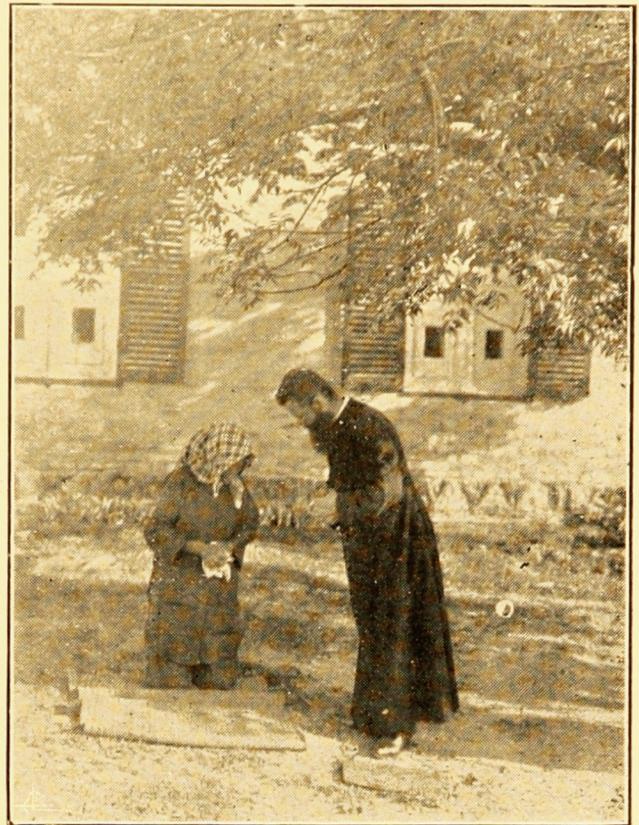
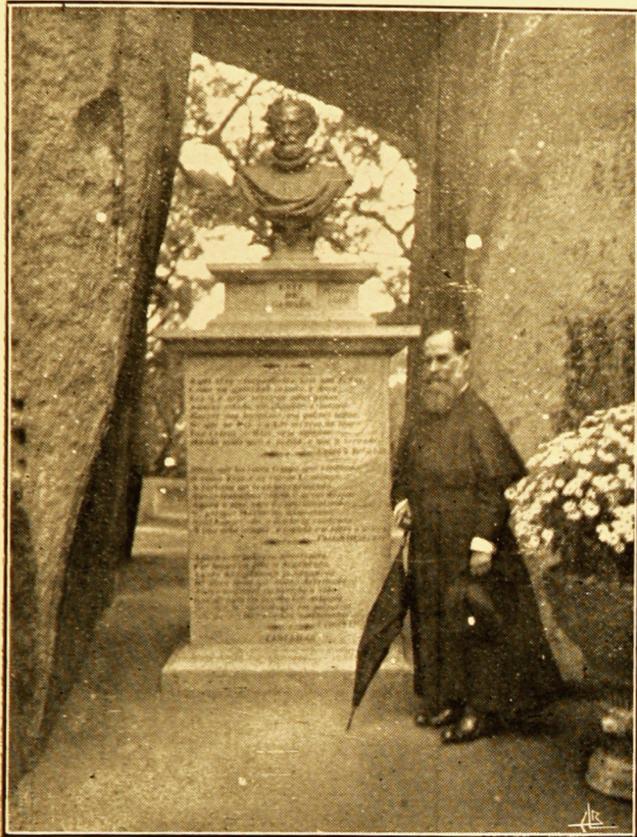


O Snr. João Gonçalves Palhe, estimado industrial bracarense, fallecido em 28 de fevereiro de 1916



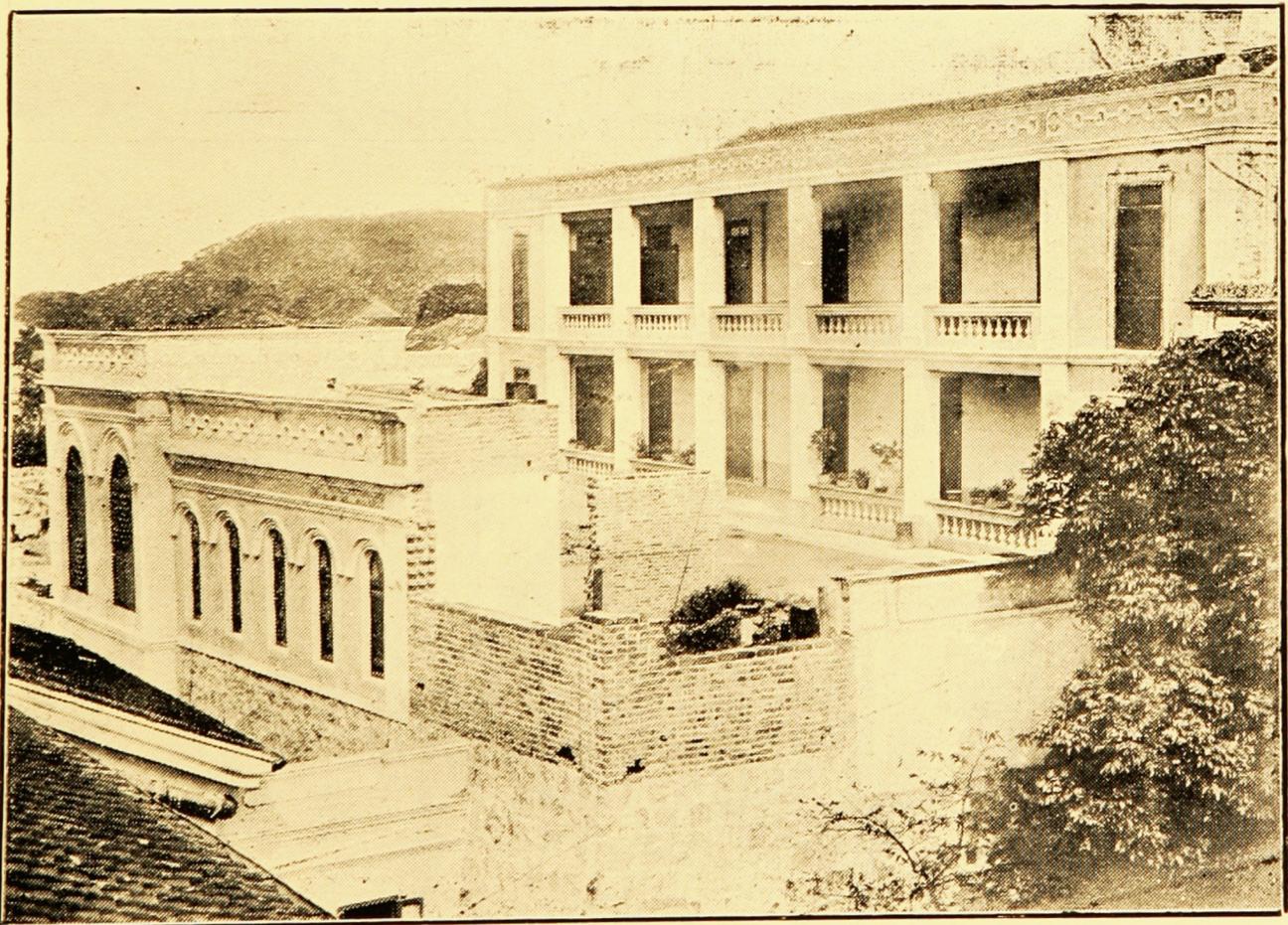
O Snr. Victor da Silva Ribeiro, correspondente dos "Echos do Minho.", fallecido em 8 de fevereiro de 1917 na Povoação de Varzim





A Gruta de Camões. Junto ao pedestal está o decano dos missionarios portuguezes no Oriente, Rev. Padre Manuel M. Alves da Silva, que por lá tem gasto o melhor de 45 annos

A confissão d'uma leprosa ao ar livre na ilha de Colontan perto de Macau



O edificio do Azyl da Santa Infancia. Esta importante obra foi projectada pelo nosso conterraneo Dr. Antonio José Gomes, missionario n'aquella cidade



Grupo das maiores do azylo



Grupo das menores



Grupo das creanças de peito com as respectivas amas

N'este azylo baptizaram-se desde o anno de 1889 até 1914, 21456 creanças chinezas.

PALESTRAS DE ARTE CHRISZÃ

X.—Technica da pintura—Frescos

Conta a lenda que a filha de Bello, vendo na parede a sombra do pae, perfilou-a com um carvão, formando assim o primeiro debuxo, "principio de todas as obras, artificios e progressos da Pintura". (Bluteau. *Vocab.* palavra *Pintura*).

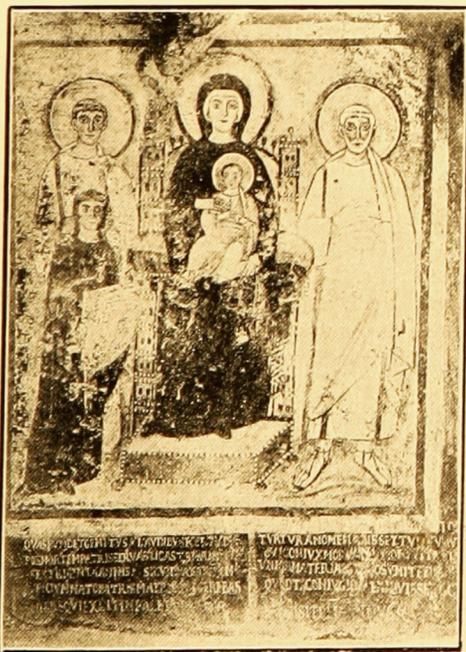
As paredes e tectos, a madeira, tela e vidro, os metaes, e marfim e sêda, tudo tem servido de fundo da pintura. Trataremos succintamente dos processos empregados, da technica, nos principaes generos de pintura da arte christã.

O mais antigo, o de que possuímos meliores e mais numerosos exemplos, por ser quasi o unico empregado nos primeiros tres seculos pelos pintores christãos é o *fresco*. Chama-se fresco, ou pintura a fresco, ao systema de pintar com côres ou tintas dissolvidas em agua pura, sobre uma camada de estuque ou cal rebocada, ainda fresca. As tintas empregadas só podem ser mineraes; as organicas alteram-se com a reacção chimica da cal. Para tal pintura ter força não basta uma só mão de trinta. Tres e até quatro vezes passa successivamente o pincel, á medida que o estuque absorve e dilue as côres. Vasari faz notar a pericia que deve ter o pintor para calcular de antemão os tons das côres pois variam de intensidade e cambiantes á medida que o reboque vae seccando.

E' claro que o primeiro passo n'este modo de pintar é a preparação do muro ou parede que vae servir de fundo. Plinio diz que este deve constar de tres ou quatro camadas ligeiras de cal e duas de estuque marmoreo. Vitruvio exige ainda mais. Porém de facto nos frescos christãos não se observaram taes preceitos.

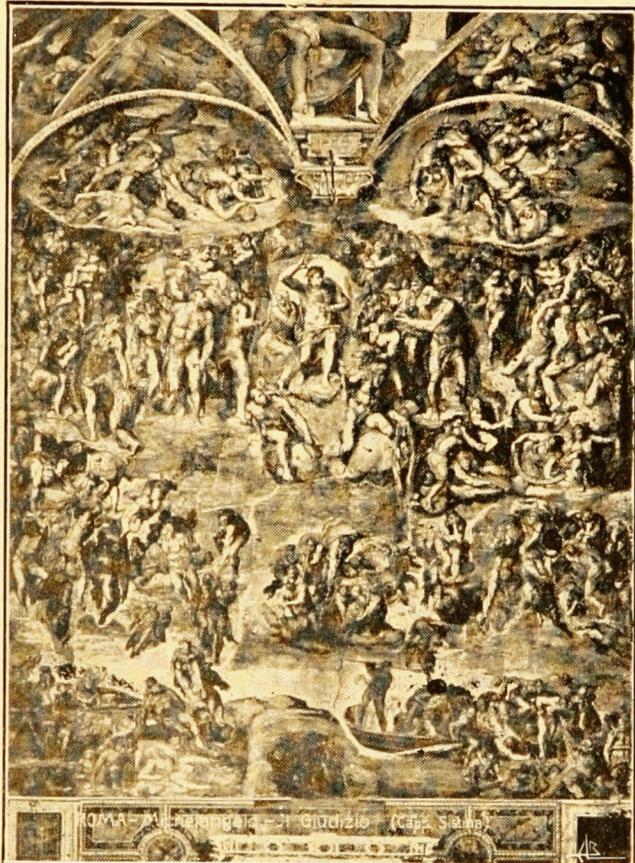
O fundo das pinturas a fresco que adornam as catacumbas é muito delgado, não passa geralmente de meio centimetro de espessura e provem de uma ou ao summo duas camadas de estuque.

Dois processos usavam os artistas para debuxar as figuras n'esse fundo humido.



Nossa Senhora, com os S. S. Felix e Aducto

Fresco das Catacumbas de Commodillas (Roma)



Juizo Universal

Fresco de Miguel Angelo na capella Sixtina em Roma

O primeiro, o menos usado na arte christã é o dos cartões. Desenham-se n'esses os contornos e vão-se perfurando as linhas que os limitam. Depois applica-se o cartão á parede e com um panno impregnado de pó de carvão vão-se fixando no fundo os pontos designativos das figuras.

O outro, quasi exclusivo nos frescos das catacumbas, era mais expedito e ainda hoje serve para conhecer os frescos e diferenciá-los de qualquer outra pintura. Com um estilete ou ponta de ferro o artista ia desenhando e perfilando no fundo as figuras principaes. Os vincos assim formados serviam para limitar as varias colorações.

Obrigados a pintar á pressa, na escuridão das cryptas das catacumbas, á luz frouxa dos archotes, não podiam estes pintores primitivos deixar obras que primassem pela belleza artistica. Por isso, diz Springer, "as imagens das catacumbas, são quasi sempre de mediocre valor artistico. Revelam uma execução pressurosa, não apresentam a marca da individualidade do artista.

... Comtudo (continua o mesmo escriptor) n'estas manifestações d'uma arte destinada a produzir tantas maravilhas nos seculos seguintes, apraz-me a simplicidade da composição, a austeridade do artista que se limita rigorosamente ao assumpto e só exprime o essencial." (Manuale di Storia dell'Arte. T. II.

Na alta Edade media continuou-se a pintura a fresco. Santa Maria Antiqua, no foro Romano, apresenta vastos quadros nas paredes internas. Giotto retocava os seus frescos com côres temperadas. Vesari affirma o mesmo acerca de Miguel Angelo e Raphael. Paulo Veronese e Pordenone, diz Grossi Gondi, trabalharam a *buon fresco*, isto é sem retoques, conseguindo imprimir, logo á primeira, na cal fresca, tintas hãrmoniosas, quentes e estaveis.

A mais antiga imagem de Maria, a Virgem (*Regina Prophetarum*) das catacumbas de Priscilla, é um fresco dos principios do 2.º seculo. O famoso *Juizo Universal* de Miguel Angelo, que adorna a parede a que se encosta o altar da capella Sixtina é tambem um fresco muito admirado pelos entendidos, mas certamente improprio para retabulo d'um altar.

AGNUS.

CHRONICA DA SEMANA

Guerra, fome e futurismo

Uma revista illustrada, deu-me ha poucos momentos um aspecto vivo do desembarque das tropas portuguezas em França. E' um quadro triste. Ao fundo o bojo do transporte, como um cetáceo enorme dado á costa. A direita montões de bagagens. A'esquerda ao longo do caes algumas forças de infantaria, formadas, em filas irregulares. Os soldados olham para o photographo, com as suas faces rudes de moçetões campesinos, meio-escondido o olhar sob a pala dos bonés de panno. Todos tem no chão a mochila e mais armamento e seguram com uma das mãos um sacco de lona onde as intendencias militares traçaram aquellos mathematicos signaes em que se apaga, na massa das legiões, a personalidade do homem com nome para apparecer a carne com numero . . .

Outra photographia. O contingente em marcha. A musica á frente, a tocar, e adeante de todos um rapazêlho com uma bandeira: é, diz a legenda explicativa, *um popular levando na mão o symbolo da patria*. O rapazêlho é francez, e a photographia dá-me a impressão de que a tropa não marcha em paiz de guerra, mas vae a desembarcar da rua do Ouro para o Rocío, vinda de apresentar armas no Terreiro do Paço ao nesso Moltke (salvo seja!), ao sr. Norton . . .

Fechei as paginas da revista. Abro um jornal. O general Tamagnini foi recebido pelo sr. Poincaré e tem artigos laudatorios das gazêtas que o mettem ao lado de Nivelle e de *sir Douglas*.

Accrescento que partiram já os primeiros capellães militares para a guerra, e tenho dado ao registo da chronica as unicas noticias salientes da nossa participação no conflicto europeu, descarregando-me da parte noticiosa da semana, de cujo dominio relego por inutil os volateis boatos da crise politica e concomitantes atoardas de Leotte e Victor Hugo ou vice-versa.

Não deixarei — oh! seria um attentado contra a historia! — não deixarei, porém, passar em claro, a recente *démarche* das forças vivas em franses de moribundos pela fome, aos Paços de Belem.

Ellas lá foram a pedir pão p'rá bocca portugueza. Reclamavam-no. E o sr. Bernardino Machado deu logo, logo, logo a fulgurante solução ao problema.

—E' um mal entendido entre as forças vivas e o governo, um mal entendido sem razão de ser e que ha-de acabar! . . .

As forças agonisantes insistem: — o governo entrega a uma empreza particular os 80 % da fonelagem que nos restam. Ha negociações com a Inglaterra? Venha o contracto a publico! Obrigue o governo a Inglaterra a ceder os navios que lhe falta entregar . . . São ideias exactas estas das forças vivas, são soluções benéficas, fructuosas não ha duvida. O governo devia pôl'as em prática.

Mas do Paço de Belem sahem outras muito dôces . . . como o mel do Hymeto ou a manteiga de Parêdes:

—Pena, muita pena tenho eu em que não viessem mais cêdo. Esse mal entendido . . . mas ha-de acabar-se esse mal entendido, não ha-de? Mas porque não vão ao concurso as forças vivas? Que pena, meus amigos! Como desejava frementemente que fossem! . . .

Eu não sei ainda se as forças vivas sahiram de Belem a chorar de commoção, mas não receio proclamar que a crise dos transportes, a crise das subsistencias e todas as outras crises inherentes a estas estão todas resolvidas!

Pois se o mal-entendido ha de acabar-se! Pois se o snr. presidente desejava frementemente *que fossem!* . . .

Dou um conselho ás forças vivas: Matriculem-se no futurismo, tomando o snr. Almada Negreiros por professor e a nova obra *K+* por compendio, e quando voltarem a Belem, depois do respectivo aperto de mão, recitem:

—Morra o verbo comer! Morra o verbo trincar! Não ha fome, o menos que ha é, . . . má digestão . . .
E o mal-entendido acabará.

F. V.

Vida intensa

POR J. DE FARIA MACHADO.

A Boneca

Servira-se o chá. Era a hora frívola do *potin*. Cortava-se na reputação dos outros, remexia-se na vida de todos—uma má lingua galante e mansa, de *brioche*s e *bonbons*. Meia duzia de mulheres ao redor da pequena mesa polida onde sobre a bretanha fina da toalha rendada, scintillava, como joias, o saxe vivo das chicaras. Era o primeiro chá do inverno. Todos tiveram uma historia, uma recordação, um detalhe . . . Revia-se a vida do campo, das *thermas*, a vida ociosa do verão e reanimava-se um escândalo, recordava-se uma paisagem, um passeio, uma festa. Todos tinham que contar e desfiaram então, entre risos argentinios e ironias maliciosas, as suas impressões e os seus caprichos. Thereza tambem quiz intervir. Tinha trinta annos, uma belleza cuidada *d'estudio*, uma elegancia rara no trajar simples, muita raça nas mãos pequenas e no nariz ligeiramente curvo; uns olhos esplendidamente negros, mas cançados, vagos . . .

—Tambem eu tive o meu capricho . . . uma boneca! . . .

—Ah! curioso . . .

—Creancice!

—Original.

—Que secca!

Disseram, disseram-se todas, rindo frivolas, curiosas, com esse ar desinteressado que todas as mulheres assumem quando passam á galanteria perfida do mexerico.

—Uma boneca?

—Uma boneca, sim, um amor de quinquelheria, rosada como um *baby* irlandez, imbecil como um *sportman*, um primor de trapos e de pasta. Não vê. Este anno Cintra era um pavor. Aborrecia-me. Exgottara tudo, livros, rendas, flôres, e em tudo encontrava o mesmo tedio, o mesmo bocejo mortal de cansaço. Como sou incapaz d'um rasgo d'arte, de traçar uma linha, d'ensaiar uma côr, massava-me horrivelmente. Uma manhã de compras em Lisboa, vi na vitrine d'uma loja uma boneca enorme e sem saber porque, movida por um secreto instincto, entrei e comprei-a . . . O caixeiro sumiu-a cuidadosamente n'uma caixa berrante, entre maciezas d'algodão e veio deixar-m'a na carruagem, entre a alluvião de pacotes, d'embrulhos—todo o meu desperdicio d'essa manhã inutil. Só á tarde, quando a vi nos braços da creada surprehendida, é que me lembrei do bonecão. Ah! dê cá e examinei então com cuidado aquelle monstro galante de trapos e, fiquei a pensar na estranha cafurreira d'aquella compra, n'aquelle capricho inutil. Aquella boquinha de pasta parecia sorrir-me. Compuz-lhe uma attitude, sentei-a nos joelhos e consegui encher uma hora n'aquelle infantil, inconsciente, entretenimento. Achei-lhe o vestido de mau gosfo e passei o resto da tarde a correr as gavetas, a procurar rendas, sedas, restos de fitas, eu sei? todo o meu arsenal de galanteria, para vestir a minha silenciosa companheira. Emaranhei com amor as farripas fulvas do cabello e passei todo o meu serão, que preferi contente, a dois ou tres convites aborrecidos, a vestir aquella burguesinha e quando á meia noite me deitei, pela primeira vez, depois de muito tempo, entime cansada, não o cansaço funebre do tedio, mas aquella dôce e commovedora fadiga que sobrevem ao dever que se cumpre, á tarefa dôce que afinal se termina. Logo pela manhã descí ao jardim com a minha boneca, loira, e rosada como uma faiança hollandeza e toda a manhã, como uma creança, inquieta, vivi d'aquelle pequeno corpo de trapos, ensaiando-lhe as attitudes, affagando-a, sorrindo-lhe, fallando-lhe até. E assim um dia, outro, um verão inteiro, a minha boneca foi o meu unico entretenimento, a minha constante preocupação.

Notei uma manhã, que a pobre pequena do visinho, que vinha mendigar ao portão, ficára tempo sem fim, olhando a travez da grade abraçada de trepadeiras, a minha boneca, que eu sentara solemne á borda do lago e não resisti que não fosse toma-la nos braços e a levasse até junto da mendiga.

Ficou a olhar pasmada, os olhos tremulos.

—Gostas?—perguntei.

—E' linda, muito linda! E' do menino?

—Não, minha filha, é minha—respondi.

Com mais espanto me fitou e não se atreveu a responder.

—E' mais bonita que a tua?

—Não: eu nunca tive boneca. Nós os pobres não temos tempo para brincar. A's vezes, como nem sempre ha pão, brinco com a minha irmã para a entrefer, voltou a pequena lagrimejando.

Ficamos boas amigas e todos os dias vinha pela esmola mas trazia-me a irmã, uma encantadora creança de tres annos. E brincavamos juntas. Eu chamava-lhe a amiga da minha boneca e enchia-a de caricias, de *bonbons*.

Mas o verão acabou. Um dia que esqueci junto do lago a minha boneca, quando voltei encontrei-a mergulhada na taça e retirei-a tremula, toda despintada, a cara de pasta amachucada, horrenda . . . Chorei, chorei com sinceridade, com phrenesi, aquelle ruir de illusões, toda a calma que se afogara n'aquella verde agua, toda a esperanza que se sumia n'aquelle corpo de folhelho, amollecendo. Na manhã seguinte parti.

—E compraste outra boneca? perguntaram trocistas.

—Sim uma outra boneca mais bella do que a primeira, que é todo o meu encanto, um pouco da minha vida ou a minha vida toda porque não é a lembrança d'um capricho infantil, d'uma loucura, mas a suave recordação d'uma boa acção. Agora já não é um corpo de trapos que visto, é uma alma que amparo, que illumino e que illumina a minha alma . . .

Vão vê-la—e erguendo-se foi á porta, abriu-a e chamou para dentro. Logo correndo a irmãzinha da mendiga, rosada e loira como a boneca lhe saltou ao pescoço, e ufana, orgulhosa, Thereza esplendente d'elegancia e de belleza exclamou com voz commovida:

—Aqui está a minha boneca! . . . e todas se calaram embaraçadas.

Em Christo!

III

Esse alguém viveu annos na agonia,
Emquanto a Carne uivava sem cançar,
Pelo Mundo trocando o immenso Altar
Onde padece o Filho de Maria.

Por sobre elle passara toda a orgia,
Mal o deixando orar e soluçar ;
Preso, humilhado, sem clarões, sem ar...
Era assim que elle attónito vivia.

Chorou annos por Deus, pelo Senhor,
Avistando-O e perdendo-O já de vista,
Que o Vicio o parco corta sempre a Dor,

Já que nada o commove nem contrista...
Mas foi então que veio o Eterno Amor,
O Amor que só na angustia nos conquista...

José Agostinho.

Marinheiro

Ao Ex.^{mo} Snr. Joaquim Pereira Villela.

Sina de nauta. Coração ao mar,
Longe da barra admiro a terra,
Subo á gavea quando a noite desce
Olhando os astros que o meu céu encerra.

Sina de nauta. No mais alto mastro
A cruz de Christo para me exaltar !
Não tem as vagas que surgem iradas,
Bramem apenas para me encantar...

Sina de nauta. Oceano aos pés.
Lenho veleiro sob a luz da lua,
A doida de cabellos pelos hombros,
Que de noite vagueia sempre nua.

Sina de nauta. Affronto a borrasca !
Sei encarar com todo o revez.
Vamos, galléra, eleva-me o nome,
Quero que saibam que sou portuguez.

Do livro em preparação
"Flôr de Liz"

Adriano Coimbra.

A MARIPOSA

(Milésima repetição d'uma velha historia...)

(A um Poeta... original)

Luzia, brandia, na Treva,
Uma chamma pura e linda
Como o doce riso d'Eva...

Era noite velha ainda.

Rondavam sonhos em volta...
—«Mas a luz do meu amor
«Não succumbe na revolta :
«E' como um sol do Senhor.

«Vou beija-la... Que m'importa
»Que no calor d'esse beijo
«Me desase, fique morta.

«Sacrificio—é o meu desejo !»
.....

Ergueu as asas... Em volta,
Negras na treva, rondavam
Sombras--rugindo, em revolta...

E as asas tontas, à solta,
Tonteavam, tonteavam...

Houve uns segundos medonhos
De lucta.....
.....—Subito, a Treva !

... E' assim que morrem os sonhos

E á luz d'Aurora revolta
Vi-lhe o cadaver—Senhor !—
Sem asas, queimado em volta !

E chorei, Muza formosa,
Na morte da Mariposa,
A vida d'um louco Amor !...

P. de Coura.

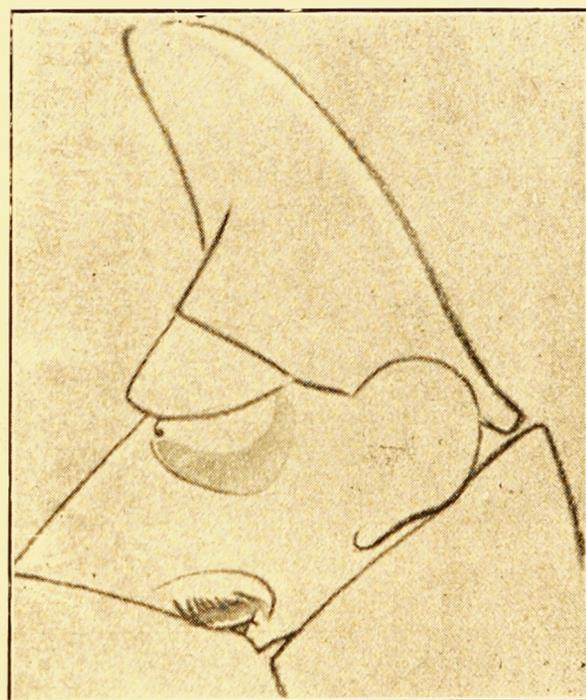
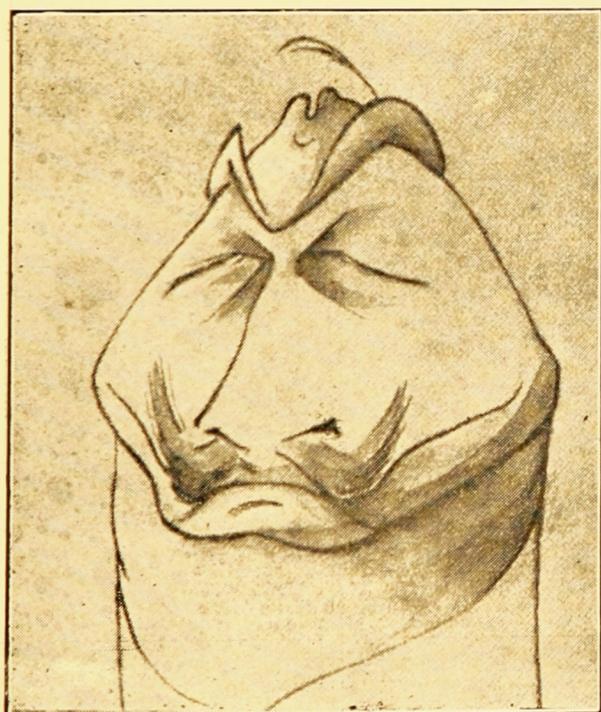
Teixeira Pinto.



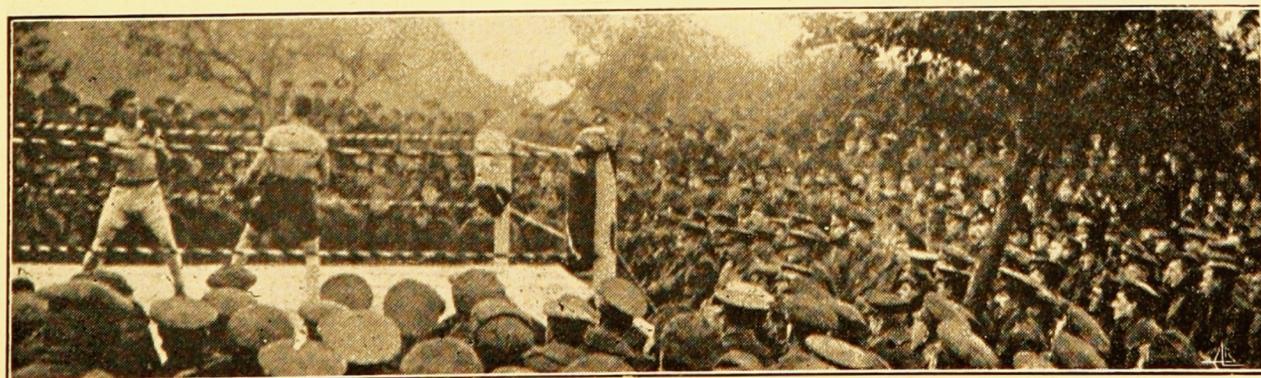
MACAU—Azylo da Santa Infancia—As cegas internadas

Guerra Europeia

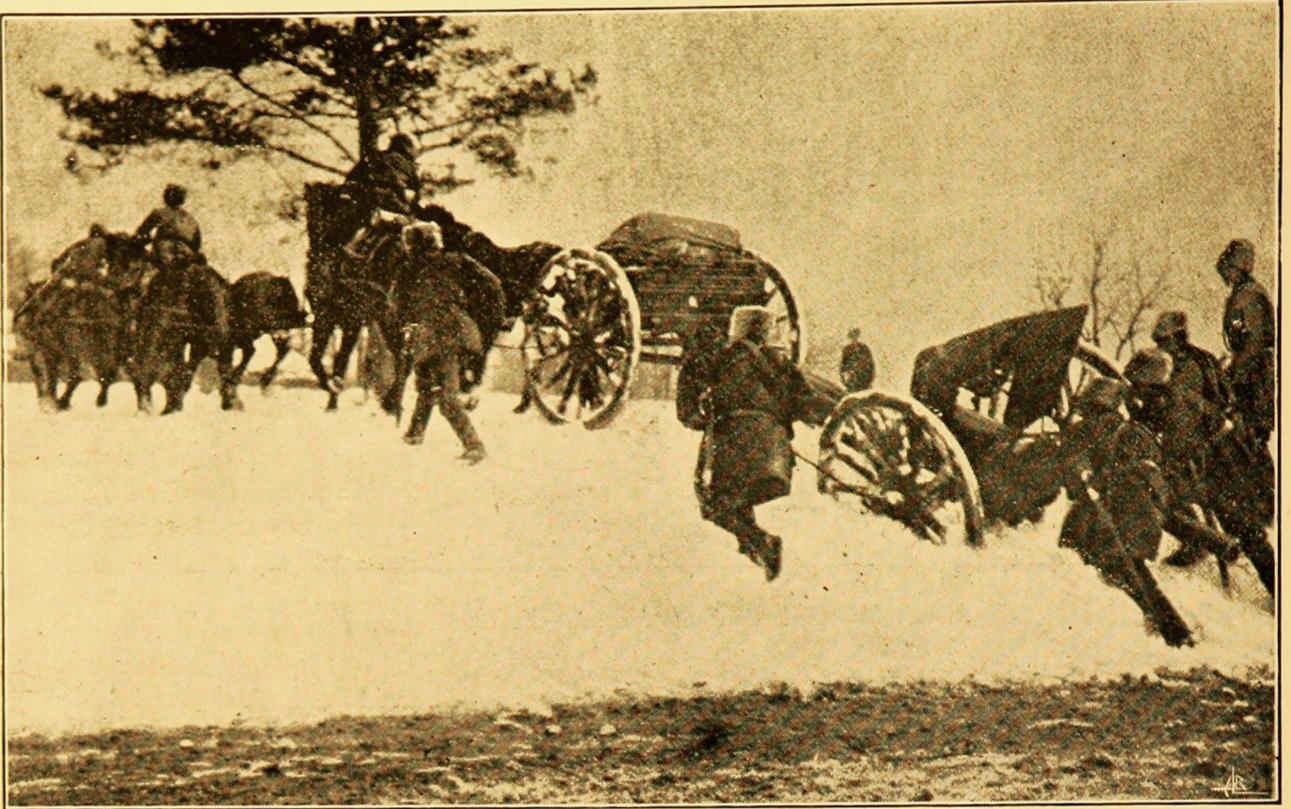
Os artistas e a guerra



O Kaiser e o Kronprinz caricaturados pelo distinto artista italiano Tirelli



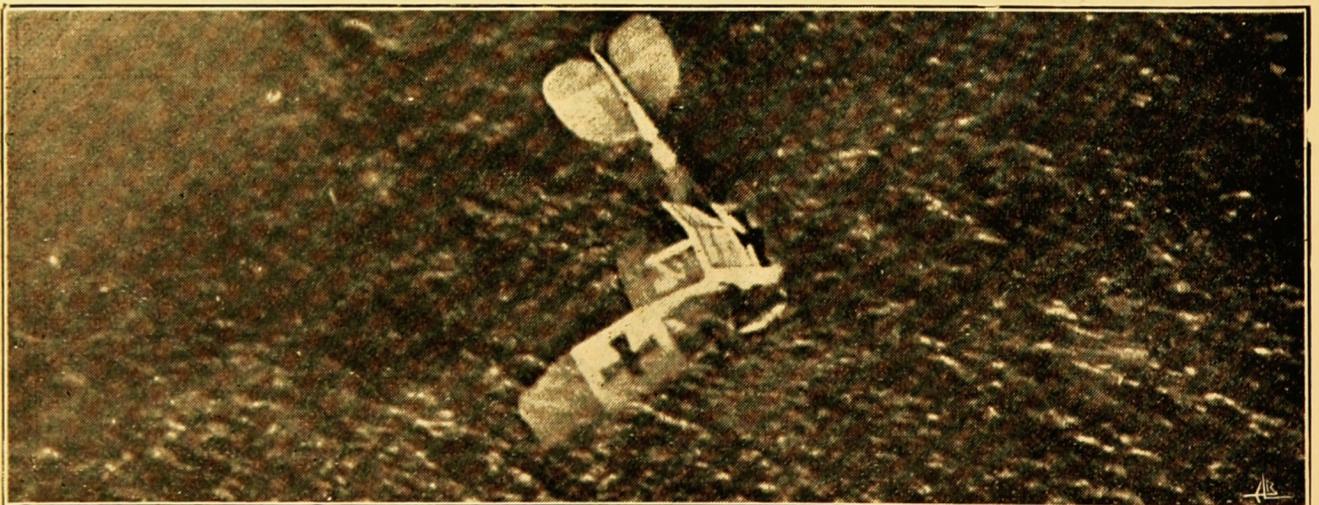
Um desafio a box nas linhas inglesas



Uma bateria russa atravessando o gelo



Uma patrulha indiana n'um ataque



O naufragio d'um aeroplano

As joias da corôa de Inglaterra

POR EDUARDO DE NORONHA

A revolução ingleza de 1649, como todas as revoluções, veio eivada da mania da destruição. Ordenou que fossem alienadas ou destruidas as melhores joias e as de maior valor historico. Assim as verdadeiras «Regalia» do tempo de Eduardo o *confessor* não existem. E' isto, pelo menos que afirma Audigier. Não podiam as coisas ficar assim e decorridos onze annos, quando Carlos II subiu ao throno, determinou este soberano ao joalheiro Lis Robert Viner que fizesse outras, segundo os moldes das primeiras. São estas que constituem o thesouro actual.

Convém adduzir que a corôa de Santo Eduardo, respeitada por Cromwell, de ouro massiço, e de um peso enorme, é hoje a unica corôa official. Apenas a collocam na cabeça do soberano tiram-n'a logo e substituem-na pela *corôa de Estado*, chamada do *Parlamento*. Um monarca nunca põe duas vezes a corôa de Santo Eduardo.

Uma aventura romanesca

No reinado de Carlos II, por um triz que um audacioso gatuno, Harry Blood, não se apodera de um lote importantissimo das joias reaes. Disfarçado em «clergyman», apresenta-se na torre de S. Martinho, também chamada *torre das joias* que, n'essa época, servia de abrigo ao famoso thesouro. Acompanhava Harry Blood uma mulher. Solicita o favor de ver as joias, depois, apenas se vê na sala, a sua companheira finge-se incommodada e transportam-n'a ao andar superior, para casa do guarda Talbot Edwards, um velho de oitenta e cinco annos. Blood consegue n'esse dia certificar-se de quanto a vigilancia é illusoria. Voltou no dia seguinte, offereceu alguns presentes á velha senhora Edwards, renovou sua visita e ligou-se com o marido que, após dois dias, o convidava para jantar. A noite terminou por uma demorada partida de cartas, e durante mais trez dias, Blood voltou a jantar em casa do guarda em companhia da amante.

Na mesma noite, os cúmplices achavam-se a postos no pateo e na porta de entrada. A juvenil mulher conversa sobre joias e declara que a espiçava uma grande curiosidade para visitar a famosa colleção. Após muitas hesitações, o octogenario consentiu em a conduzir ao recinto onde se encontrava o precioso thesouro. Quando voltou para casa do jantar fez uma descripção tão entusiastica a Blood, que este declarou, por seu turno, que ardia em desejos de admirar tão grandiosas maravilhas. O velho Edwards teve a fraqueza de acceder ao seu voto e permittiu-lhe até que sopesasse o sceptro de Santo Eduardo. Apenas Harry Blood se apanhou com o sceptro na mão despediu uma formidavel pancada no confiado cicerone, metleu n'um sacco o *sceptro real*, o *orbe* e o *anel de marfim* e desceu a toda a pressa. A sua companheira, que estrangulava «mistress» Edward, estava já longe. Por desgraça, Harry, na fuga protegido pelos quatro cúmplices de atalaia, tropeçou na escada exactamente no instante em que o filho do fiel, official da guarda, entrava para visitar os paes. Trava-se uma luta curta na escuridão. Harry Blood consegue escapar, mas abandonando uma parte dos seus preciosos despojos.

Hoave um simulacro de inquerito, foram enforcados dois ou tres pseudo-cúmplices que, dizia-se, estiveram á espreita em quanto Blood praticava o crime, mas, dois annos depois, este recebia a nomeação de guarda joias do rei, a amante obteve uma pensão e promoveram a officiaes os dois acolytos—o que levou alguns chronistas maledicentes a escrever que fôra o proprio rei o planeador do crime.

A *cadeira da coroação*, feita por ordem de Eduardo I, cognominado o *Antigo*, em 902, só sahiu uma vez da abbadia de Westminster, a 26 de junho de 1656, para servir de installação, como «Lord protector», a Oliverio Cromwell. E' n'esta cadeira que os soberanos, excepto Maria, filha de Henrique VIII e de Catharina de Aragão, teem sido coroados desde Eduardo II, o *Martyr*, que reinou de 975 a 978.

Engasta-se no assento d'esta cadeira a *pedra do destino*. Quer a lenda que esta pedra, importada da Asia Menor para a Irlanda, depois da Irlanda, para a Escocia e por fim da Escocia para Inglaterra, em 1296 no reinado de Eduardo I, da dynastia da Plantagenets, seja a mesma que Jacob descansou a cabeça quando este patriarcha teve o famoso sonho da escada dos anjos. O que é certo, é que durante muitos seculos os reis da Escocia foram coroados, «assentados n'esta pedra». O rei escocez Kenneth tomou-a no castello de Duvstaffnage e mandou-a transportar para a abbadia de Scone

em 850. Ficou ahi até 1296. Eduardo I apoderou-se d'ella por essa época e mandou-a depositar em Londres. Uma clausula do tratado de Northampton, em 1326, exigia a sua restituição, mas o povo de Londres oppoz-se a isso com uma energia victoriosa.

Em 1814, descobriu-se n'um forro qualquer da Jewel-House, onde devia estar esquecido durante perto de meio seculo, o sceptro, que serviu na sua sagração, á rainha Maria, esposa de Guilherme III. Este sceptro, o mais rico de todos, é rematado por uma pomba.

Desde então os *Regalia* não tornaram a correr aventuras perigosas.

O pintor Haydon conta a proposito da corôa que, em 1820, serviu para a acclamação do rei Jorge IV, que foi encommendada ao joalheiro Rendell, que queria vendela por setenta e cinco mil libras. Lord Liverpool, ministro das finanças, recusou auctorisar uma tal despeza. Rendell então alugou a corôa mediante sete mil e quinhentas libras por semana. Como o soberano a utilizou durante mais tres dias, Rendell exigiu mais duas mil e quinhentas libras e... recebeu-as.

Paginas d'Arte

Willy Ferrero

Ha-de haver pouco mais de meia duzia de annos que nasceu na Italia um pequerrucho singular, Os seus primeiros passos tinham o rithmo da musica e a desenvoltura do andar hellenico. Os seus primeiros gritos, ainda mal articulados, fôram solfêjos. As suas primeiras garatujas foram notas. Quando lhe quizeram ensinar o A B C, fez ao livro a melhor carêta d'este mundo e apegou-se a um methodo de violino. A's escondidas da mamã saltou para cima do piano.

Repelia-se mais uma vez o *milagre* de Liozt e o *prodigio* de Mozart.

Logo que appareceu a regêr uma orchestra no mais brilhante salão da aristocracia romana, os *dilletanti* e os *virtuosi*, que tinham ouvido religiosamente as celebridades mundiaes proclamaram-no superior ao *kapellmeister* Weintgastner! Depois o seu renome consagrou-se em Milão, n'um concerto extraordinario.

Fazia cinco annos. Apparecera no theatro carregado de brinquedos, timido, fragil, pequenino, a cabelleira solta em anneis, um grande cabeção de rendas preciosas . . . Quando subiu para o estrado havia um silencio enorme. Empunhou a batuta. E porventura a sorrir e a tremêr áquella multidão anciosa e expectante que o fitava, lançou os primeiros compassos da *Nona Symphonia de Beethoven* . . .

Foi um delirio. A sua imagem quebradiça e leve de *bambino* transfigurou-se. O seu corpo de boneco tomou as proporções d'um gigante. As pupillas dilataram-se-lhe esbaziadas e fôrtes . . . Dir-se-hia que o amorôso Ludwig renascêra na alma d'aquella creança.

Outra vez dirigiu a *Cavalgada das Walkyrien*. Domava como ninguem essa tempestade; e debaixo da sua batuta miraculosa os sons cresciam vibrantes e unisonos, clamorôsos e triumphaes.

As mulheres adoravam-n'o como quem adôra uma joia, Mordiam-n'o de beijos e cobriam-n'o de rosas.

Willy Ferrero tinha admiradôres em toda a parte.

Então os sabios, impressionados, quizeram estudar aquelle *caso pathológico*. Os mais eminentes cathedraicos examinaram-lhe a cabeça atravez dos *Raios de Roentgen*. Uma crista, uma deslocação particular do cerebello, os nervos excitados . . . E ninguem teve a hombridade de confessar a sua infinita ignorancia!

Entretanto Willy Ferrero cuida dos seus brinquedos e das suas bonêcas. E' um brincalhão como qualquer outro d'aquella idade. Só quando se levanta no estrado é que não parece o mesmo.

E á frente d'uma orchestra, nos salões da nobrêza ou nas plateias lyricas, magestoso na sua pequenez de *maestrino*, infantil na sua gola de espuma, ardendo em febre, transmudado e sublime, desencadeia a tempestade das *Walkyrien* ou descanta a legenda de amôr do neurasthenico Beethoven . . .

Escriptorio de Negocios Ecclesisticos

DO

Padre Villela & Irmão

(Joaquim Pereira Villela)

Este antigo Escriptorio de Negocios Ecclesiasticos e Civis, encarrega-se de todos os negocios dependentes das repartições ecclesiasticas de Braga, Nunciatura Apostolica e de Roma, taes como processos de ordens menores e sacras e seus respectivos Breves, licenças para casamentos com proclamas ou sem elles, dispensas de parentesco em todos os graus, que a Santa Sé costuma conceder, justificações de baptismo, casamento, obito e de estado livre. Breves de redução de legados, sanatorias, em geral quaesquer Breves Apostolicos. e tambem dos negocios dependentes das repartições civis, judiciaes e militares em relação com os negocios ecclesiasticos, o que tudo é tratado com sunma brevidade e maxima economia.

Tem anexas ao mesmo escriptorio uma typographia a vapor, denominada dos «Echos do Minho», e officina de encadernação onde são executados quaesquer trabalhos, com a maxima rapidez, perfeição e economia.

Toda a correspondencia deve ser dirigida para o respectivo escriptorio ao

P.^e Villela & Irmão

83—RUA DOS MARTYRES DA REPUBLICA—91

(Antiga Rua da Rainha)

BRAGA

Monte Pio do Clero Secular Portuguez

Successor da Veneravel Irmandade
dos Clerigos Pobres de Lisboa

O clerigo d'ordens sacras, que desejar alistar-se n'este Monte Pio, deve enviar ao Rev. Padre Alfredo Elviro dos Santos, morador na Avenida Fontes Pereira de Mello, 41, Lisboa, os seguinte documentos:

—1.º Certidão d'idade, devidamente reconhecida por notario.
—2.º Dois attestados, ou declarações medicas juradas e reconhecidas por notario, em como não soffre de molestia actual, ou habitual (palavras textuaes).—3.º Attestado, ou declaração jurada, do secretario da Camara Ecclesiastica respectiva, ou do Vigario da Vara, Arcipreste, ou Ouvidor, em como está no legitimo exercicio das suas ordens, exerce o cargo de... e não está incurso em processo algum ecclesiastico ou civil.

Os documentos podem ser em papel commum.

Se o clerigo residir na Archidiocese de Braga deve dirigir-se ao Rev. Padre Antonio José de Carvalho, residente na rua de Santa Margarida, 9, em Braga, ou ao Padre Leonel Aragão Dantas de Sousa, morador em Laranjeira, Monsão; ambos são socios correspondentes do Monte Pio.

Este concede subsidio na doença, suspensão e falta de collocação; paga visitas medicas aos socios residentes em Lisboa e nas terras em que residirem 20 socios; dá 10 escudos para operações chirurgicas, ou conferencias medicas e 10 escudos para auxilio das despesas com processos ecclesiasticos ou civis; todos podem celebrar na capella do jazigo sito na rua numero 3, do cemiterio do Alto de S. João; faculta a livraria aos socios, que a desejarem consultar; tem direito a comprar para si e para as suas familias medicamentos melhores e com abatimento de 20 p. c. nas farmacias mutualistas de Lisboa; todos têm direito a ser sepultados ou depositados no referido jazigo, etc.

Concede o subsidio de vinte e cinco escudos e mortalha para o funeral dos socios residentes em Lisboa, e o de vinte escudos para o funeral dos socios residentes fóra de Lisboa.

FRIGIDEIRAS E RESTAURANTE Casa do Cantinho



Largo de S. João do Souto
BRAGA
Estabelecimento mais antigo
e acreditado n'este genero

A. de Menezes

MANUAL DAS FILHAS DE MARIA (Congregações marianas)

Preços:—Encadernado em carneira, 490; em chagrín, corte doirado, 540 réis.

MANUAL DOS CONGREGADOS DE N. SENHORA

Preços:—Encadernado em percalina, 440; em carneira, 490; em chagrín, corte doirado, 540 réis.

Novas edições, feitas por A. de Menezes, em harmonia com as ultimas regras publicadas.

Franco de porte. Para registo, mais 50 réis por pacote. Os pedidos, acompanhados da respectiva importancia devem ser feitos a ANTONIO GOMES PEREIRA, Calle San Telmo, 21—**TUY**.

BRAGA—Na administração da «Illustração Catholica» rua dos Martyres da Republica.

NO PORTO—Joaquim da Silva e Melo & C.^a—rua do Corpoda Guarda, 19 a 21.

Arte e Religião

Officinas de esculptura e entalhador

47—Rua da Fabrica—49

PORTO

Deposito de imagens, sanctuarios, banquetas e todos os mais artigos e aprestos religiosos.

Execução de encomendas para as Provincias, Ilhas, Ultramar e Brazil.

Preços e todas as informações

Pereira d'Abreu & Filhos

SUCCESSOR

José da Silva França

Almanaque de Santo Antonio (Para 1917)

Está publicado este excellente ALMANAQUE.

A' venda nas principaes livrarias e na administração do BOLETIM MENSAL

BRAGA

PREÇOS Brochado, 250
Cartonado, 320

TEIXEIRA DE ANDRADE

Professor da Escola Academica

Rua de S. Marcos, 46

Ensina linguas para o Lyceu,

Escola Normal e Commercio.